



O presidente Sarney foi recebido pelos senadores no salão nobre. Bem-humorado, ele pregou a convivência harmônica dos poderes

Sarney diz estar com saudade do Congresso

"Ah! que saudade!", disse o presidente José Sarney ao pisar a rampa do Congresso, exatamente às 16 horas de ontem, sendo recebido pelos diretores da Câmara e do Senado. Sorridente, cumprimentou todos à sua volta, entrou na Casa e repetiu que sentia saudades e que era uma honra estar ali. No salão nobre da Câmara, o abraço de Ulysses, Pimenta da Veiga e mais cumprimentos dos vários deputados. Entre eles, o deputado Gastone Righi (PTB-SP), um tanto constrangido e observado com atenção pelos que rodeavam o Presidente, sentado ao lado de Ulysses.

Não havia tempo para discursos, apenas para o cafezinho e as conversas ao pé do ouvido. O Partido dos Trabalhadores aproveitou para pedir ao Presidente que recebesse os metalúrgicos acampados em frente ao Congresso. A resposta que o líder do PT, deputado Djalma Bom, ouviu foi contra: não havia possibilidade de receber os metalúrgicos para não enfraquecer o ministro do Trabalho Almir Pazzianotto, negociador do Governo com os grevistas. (Ver página 7). Antes, o deputado perguntando-lhe se era mais fácil ser senador do que Presidente.

"E mais fácil ser senador", respondeu o presidente.

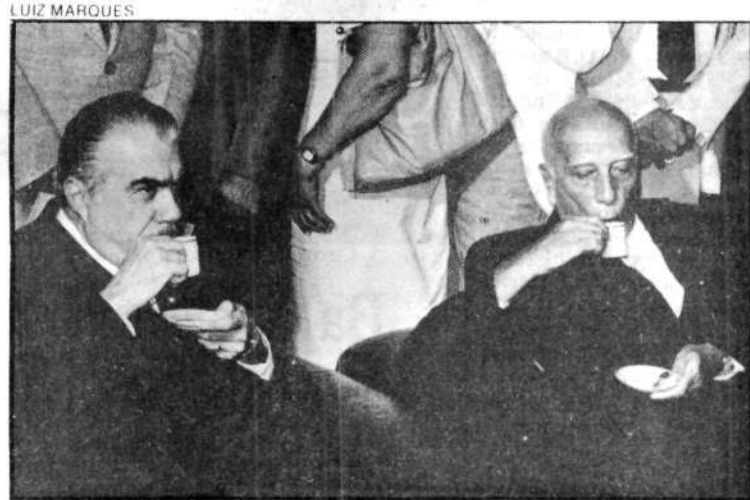
Pontualíssimo, José Sarney chegou ao Congresso e durante toda a visita se preocupou com o tempo. Ainda na Câmara, virou para o segurança e perguntou qual a duração prevista para a visita. "Até as 16h30min", respondeu o segurança. "Então ainda faltam sete minutos". Esse tempo ele gastou com os cumprimentos dos deputados e conversando com o presidente da Casa, Ulysses Guimarães. "Tudo bem, Ulysses?", "Tudo bem, Presidente", respondeu o deputado. "Nossos cumprimentos à Casa", disse Sarney e continuou a conversa lembrando que "os poderes são independentes, mas harmônicos".

"Foi uma honra", repetiu o presidente Sarney ao despedir-se de Ulysses para entrar no salão nobre do Senado, onde o esperava o senador José Fragelli. A visita começou com empurrões da segurança, mas logo depois se descontraiu. Tranquilo, sempre sorrindo, Sarney sentou-se ao lado dos senadores José Fragelli e Luiz Viana, tendo por perto o líder Fernando Henrique Cardoso e, um pouco mais distante, o ex-ministro César Cals.

Ao invés do refrigerante, foram servidos sucos, refrigerantes e salgadinhos, acompanhados por conversas ao pé de ouvido. Houve tempo também para os cumprimentos dos funcionários, que ele fez questão de receber "com muita honra". Numa roda com alguns senadores, comentou sobre a Constituinte fazendo referência à Constituição dos Estados Unidos e ao seu maior idealizador, Benjamin Franklin.

Sarney chegou a dizer que "nunca homens tão esclarecidos se reuniram para fazer uma Constituição com tantos defeitos", numa referência à Constituição americana, para esclarecer que não é a melhor solução juntar algumas pessoas ilustres para elaborar uma Constituição, mas sim convocar uma Assembleia Constituinte.

Poucos minutos antes das 17 horas o Presidente deixou o Congresso, ao lado de dois grupos de manifestantes: um grupo de bataticultores aplaudiu o Presidente até Sarney parar para uma saudação; e outro, de metalúrgicos, que gritavam pelo emprego que perderam. Sem se voltar para os metalúrgicos, o Presidente saiu acenando para os bataticultores.



Na Câmara, Ulysses ofereceu cafezinho ao visitante



Moreira Alves trocou idéias com o presidente Sarney

Papel do STF é exaltado

O presidente José Sarney, ao ser recebido ontem no Supremo Tribunal Federal, em visita de cortesia, pelo ministro-presidente Moreira Alves e os demais integrantes da Suprema Corte de Justiça do País, manifestou o seu apreço ao Poder Judiciário prometendo "respeito às leis e à Justiça".

Ao responder às palavras do presidente do STF, de satisfação em receber pela segunda vez a sua visita — a primeira feita ainda quando era vice-presidente eleito e agora na chefia da Nação, Sarney destacou a importância histórica do STF, como "uma instituição que cumpre a sua missão com uma grande consciência da visão democrática do País". E acrescentou que a sua visita "não

é só de homenagem, mas muito mais de reverência a esta Corte".

ADIANTADO

Embora adiantado quase vinte minutos da hora marcada para a visita (17h15), Sarney logo ao chegar no Salão Nobre do STF, já encontrava próximo da escada o ministro-presidente Moreira Alves. Os demais ministros (Djaci Falcão, Cordeiro Guerra, Rafael Mayer, Décio Miranda, Aldir Passarinho, Francisco Rezak, Sydney Sanches, Octávio Gallotti, Oscar Correa e Neri da Silveira) que também receberam a visita de Sarney, bem assim o procurador-geral da República, Procurador Pertence, junto aos ministros do STF.

Borja é nomeado assessor

O presidente José Sarney designou ontem o ex-deputado fluminense Célso Borja (foto) como assessor especial da Presidência da República. O Planalto não confirmou, porém, a especulação de que Célso Borja seria o articulador de Sarney para o "pacto político". A versão coletada é a de que se a articulação para o "pacto" não for realizada pelo deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e da Câmara, o próprio presidente Sarney passará tomar as iniciativas necessárias para essa "construção" política.



Pacto foi assunto em todas as rodas

"Conversa de político é como conversa de namorados, não acaba nunca". Com esta frase do ex-senador balano Otávio Mangabeira, o presidente José Sarney, numa "conversa informal com o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, e com os líderes Pimenta da Veiga (PMDB), Prisco Viana (PDS), e Humberto Souto (PFL), definiu o tipo de relacionamento que pretende manter com o Congresso Nacional.

A visita do Presidente da República ao Poder Legislativo representou, na verdade, o primeiro passo para a consolidação do pacto político que pretende estabelecer com os parlamentares, ampliando-o, posteriormente, para um pacto social com toda a sociedade brasileira.

E o pacto, segundo Humberto Souto, começou ali, embora sem a presença e apoio do PT e do PDT, na "rodinha" informal que reuniu o chefe do Executivo e os representantes do PMDB, do PDS, do PFL e do PTB, este representado pelo líder Gastone Righi, que, depois, disse esperar do Presidente da República que prestigie a sua emenda, de convocação da Assembleia Nacional Constituinte.

Prisco Viana, para quem o pacto já está em andamento, desde a eleição do presidente Tancredo Neves, pelo Colégio Eleitoral, ar-

gumentou com o Presidente da República que, apesar das divergências, a convivência política entre oposição e Governo se deve fazer da forma mais elevada possível, em favor dos interesses nacionais.

Ele acredita, contudo, que a visita do presidente Sarney ao Congresso não teve como objetivo consolidar esse pacto, mesmo porque "ele visitará também o

Judiciário". Trata-se, segundo Prisco, de "uma deferência natural ao Legislativo, normal em qualquer regime democrático. A visita não teve sentido político".

Se não teve para o líder do PDS, teve, certamente, para o chefe do Governo, para o PMDB e para o PFL, como afirmou, posteriormente, o deputado Celso Barros, para quem "o pacto começa aqui, no Congresso".

Malufistas fazem a corte

Maluf, que estava em plenário no momento em que Sarney era recepcionado no Salão Nobre da Câmara, foi ao encontro do Presidente, preferindo ficar na companhia de grupo de seis parlamentares a ele mais chegados.

Dos seis, dois deputados pediram licença e se retiraram para cumprimentar Sarney, enquanto os outros quatro permaneceram ao lado do ex-candidato à presidência da República, conversando sobre a estratégia que o grupo pretende adotar no Congresso daqui para frente.

O grosso dos malufistas, calculados entre 80 e 100 dos 146 deputados oficialmente vinculados ao PDS, procuraram con-

do não apenas apertar a mão de Sarney, mas fazer-lhe a corte durante todo o tempo (cerca de 45 minutos) em que o Presidente passou na Câmara e no Senado.

Tal era o assédio dos malufistas a José Sarney, que os deputados do PMDB e da Frente Liberal, impossibilitados de cumprimentá-lo pelo que chamavam de "o cordão de isolamento malufista", não escondiam seu constrangimento.

O deputado Heráclito Fortes, do PMDB do Piauí, que não conseguia se aproximar de Sarney, desabafava com companheiros de partido e os jornalistas: "Os malufistas estão tão açodados, que não deixam ninguém encostar no homem".

Desmentida comissão de fiscalização

O presidente José Sarney vai se reunir hoje, no Recife, com todos os governadores do Nordeste num encontro classificado pelo próprio Palácio do Planalto como "uma reunião política" importante! A reunião ocorrerá no horário do almoço, quando o Presidente negociará com os governadores a ampliação de suas bases de sustentação política na região e, ao mesmo tempo, tratará de aparar as arestas no atritoso relacionamento existente entre políticos governistas da área.

O Presidente pretende harmonizar as relações entre os governadores, em sua quase totalidade do PFL, e as representações parlamentares regionais, muitas de-

las do PMDB. A questão central que está provocando problemas na região diz respeito às disputas por cargos federais nos diferentes Estados nordestinos. Nessa reunião de almoço, portanto, o Presidente ouvirá as queixas existentes de alas partidárias que se consideram preteridas e procurará enfatizar a necessidade do pacto para execução do projeto político (a Constituinte).

Ainda com relação ao Nordeste, no final da tarde de ontem, o secretário de Imprensa da Presidência, jornalista Fernando "César Mesquita", disse que Sarney "recebeu com estranheza" a notícia de que em sua viagem ho-

je ao Recife implantaria uma comissão para fiscalizar com rigor a aplicação dos recursos na política de desenvolvimento da região, a fim de acabar com a corrupção". A informação foi publicada na edição de ontem do CORREIO BRAZILIENSE. Fernando César afirmou que a visita do Presidente à Sudene tem como objetivo o lançamento do plano de recuperação do Nordeste, orçado em Cr\$2 trilhões.

De acordo com Fernando César, as informações sobre a comissão "são equivocadas", pois não há da parte do Governo intenção de criar nenhuma comissão com aquela finalidade. "O que há, esclareceu o porta-voz presi-

dencial, é que o governo Sarney se bate pela moralidade na aplicação dos dinheiros públicos. Não especificamente em relação ao Nordeste. Esta é uma regra geral". Para o porta-voz, o Presidente ficou irritado ao ler a notícia sobre a comissão e comentou: "Isso não é verdade".

O ministro-chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco, também desmentiu a notícia afirmando que o presidente Sarney ficou "desapontado e irritado" com a informação de que ele criaria um grupo para administrar os recursos para a reconstrução do Nordeste.

— Quando eu abri o CORREIO BRAZILIENSE hoje (ontem) de

manhã lá em casa e li a matéria eu pensei: "Nossa senhora, que inimigo competente deu esta informação ao jornal?", comentou o ministro do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco. Segundo ele, a informação do jornal não é correta, pois não reflete o que o Presidente fará na região.

— Imaginem vocês, mesmo que fosse verdade, se logo em sua primeira viagem à região nordestina o Presidente da República, que também é nordestino, iria alertar governadores corajosos e de estofa moral e público como Gonzaga Mota e Roberto Magalhães, entre outros, contra corrupção? — acrescentou o ministro Castelo Branco.